

pontos de Minas. O toponimo designa o plural aportuguesado (com a terminação em *s*) da palavra indigena — *Embaúba*. Em tupi, *embaúbas* melhor se diria *Embautiba* (o mesmo que “embaúba em quantidade”), o *embaubal*, ou porção de pés de *embaúbeiras*. Orthographicamente, apparecem no Brasil estas fórmulas divergentes do nome em questão: *embahúba*, *embaúba*, *embahiba*, *imbaiba*, *imbaúba*, *ambalbu*, *ambaúba*, *ambaúva*, *umbaúba*... Em botanica, vem a ser a *Embaúba* o vegetal classificado por *Cecropia peltata* das Urticaceas, e que o povo chama “Páu-de-preguiça”, por viver trepado nelle, alimentando-se dos brótos e tenras folhas da *Embaubeira*, o animal indigena vulgarmente conhecido por “Preguiça” (em Zoologia, *Bradypus didactylus*, ou *Bradypus tridactylus*).

Continuam no proximo tomo desta *Revista do Archivo Publico Mineiro* as presentes Nótulas sobre a toponymia geographica (de origem brasilico-africana), em Minas Geraes.

Factos e casos da nossa lingua, no Brasil

I

A) A PROPOSITO DO BRASILEIRISMO “MEXERICA” OU “MIXIRICA”

“MEXERICA é o nome que nós Mineiros damos a certa fructa conhecida em outros pontos do paiz pelo nome de *langerina*.

Essa fructa tem um cheiro activo, penetrante e sobreludo persistente. Em virtude disso, as pessoas que a comem não podem occultar tal facto a quem dellas se approxime. Vae dahi o dar-se-lhe, segundo conjecturamos, o qualificativo de *mexeriqueira*, que, além do significado de *intrigante*, *enredador*, emprega-se com referencia a *quem não guarda segredo*, *candongueiro*, portanto. *Fructa-mexeriqueira* reduzir-se-hia a *mexeriqueira*, por elipse do termo fructa. Cfr. *pêssego*, de *persicum*, com elipse de *malum*. Depois, como existissem, por exemplo, *bananeira*, *laranjeira*, *limeira*, derivados de *banana*, *laranja*, *lima*, era natural que se visse em *mexeriqueira* um termo de formação identica, conjecturando-se, então, o primitivo vocabulo *mexerica*.

Outra hypothese que nos parece verosimil é a da adjectivação do substantivo *mexerico*, da qual resultaria a expressão *fructa-mexerica*, que se reduziria a *mexerica* pela elipse já referida.

A adjectivação de substantivos é um capitulo curioso da *derivação* impropria. Estudando o adjectivo *vindimo*, formado pelo substantivo *vindima*, assim se expressa JULIO MOREIRA: “O processo por que se formou do substantivo *vindima* o adjectivo *vindimo* é o mesmo de que resultaram expressões como couros *bezerros* (de *bezerro*), palha *centeia* (de *centeio*), palha *milha* (de *milho*), *farinha triga* (de *trigo*), etc. Estas ultimas pertencem já ao dominio da lingua literaria” (*Est. da ling. port.*, vol. I, pag. 216).

Na linguagem do nosso povo encontram-se substantivos adjectivados, o que se pode ver de expressões, como: *banana-ouro*, *banana-figo*, *frango-pelucio*, *galho-mamono*, *boi-estrela*, *boi-laranja*, *mula-pinhã*, *vacca-zebiã*, *cavallo-pombo*, etc. Em taes expressões os

substantivos *ouro*, *figo*, *pelucio*, etc. estão adjectivados e concordam com os vocabulos que os precedem.

Do exposto se conclue não ser absurda a referida hypothese da adjectivação de *mexerico*. *Fructu-mexerica* significaria: *fructa que mexerica, que faz mexerico*, do mesmo modo que *cesto-vindimo* significa, entre os portuguezes, *cesto que serve para vindima*.

Ahi ficam duas hypotheses a respeito da etymologia de *mexerica*. Devemos notar, entretanto, que no fasciculo IV, do vol. I d'A *Evolução*, o illustre professor NELSON DE SENNA attribuiu a tal vocabulo origem indigena.

Ignorante, como somos, no que concerne ás linguas de nossos aborigenes, não podemos ajuizar da veracidade da origem apontada pelo illustre professor "geralista". Queremos crer, entretanto, que sua opinião se baseie em razões ponderosas, que infelizmente ignoramos.

(Prof. *Abilio Theodoro da Silva*, in-estudo inserto no fasc. XXIV do vol. I d'A *Evolução*, revista editada em Juiz de Fora).

* * *

Agora o nosso estudo a respeito:

—Conhecemos aqui em Minas logares denominados *Mexirico* (por exemplo, uma lavra de ouro e uma fazenda, no valle do Suassuhy Pequeno, em territorio do mun. de Guanhães); e nos quintaes e pomares mineiros é infallivel pelo menos um pé da laranja *mexeriqueira* ou "laranja-cravo", que dá o saboroso fructo da *mexerica*, *mexirica* ou *mixirica*, conhecida por *mandarina* noutras partes do paiz e alhures. Laranja de casca solta, sumarenta e perfumada a ponto de rescender á distancia, denunciando a sua presença, e impregnando de forte e penetrante cheiro as mãos de quem a descascou, a *mexerica* é em botanica o *Citrus nobilis*, enquanto que o seo nome vulgar parece haver-se originado, aqui no Brasil, segundo o entendem alguns autores, embora tendo evidente relação com os termos vernaculos — *mexericeira* e *mexerico*. O verbo "mexericar", com a sua fórma desusada "mexeruear", vem do latim *miscellicare*, conforme o abono de CALDAS AULETE e SANTOS VALENTE; na fórma reflexiva, "mexericar-se" significa: "descobrir-se por si". (Frei DOMINGOS VIEIRA, no volume 4.º, pag. 230 do seo Dic. Port.); e desta accepção, em que o verbo pronominal "mexericar-se" se ha de entender como equivalente a "revelar-se", "descobrir-se por si", vem um exemplo *ad rem*, na *Encyclop. Portug. Ilstr.*, de MAXIMIANO LEMOS (vol. VII, pag. 297): "O cesto vinha coberto com um lenço, mas como elle fosse pequeno os figos *mexericarum-se* pelos cantos".

Donde se vê que, por extensão de sentido, tambem haveria possibilidade de se explicar o brasileirismo *mexerica* — nome aqui dado, no Brasil Central, pelo menos, ao fructo da aromatica Aurantiacea que é o *Citrus nobilis* — como tendo se derivado dessa qualidade característica de varios fructos que se denunciam ou se revelam por si mesmos, annunciando de longe o seo penetrante odor, que vae impregnando a tudo que os toca. E assim acontece tambem com o abacaxi, o caju', a goiaba... Teriamos, pois, varios fructos denunciadores e bisbilhoteiros, além da laranja *mexeriqueira*, mesmo porque o nosso povo gosta muito de empregar, no plural, o substantivo *mexericos*, no sentido de enrêdos, intrigas e bisbilhotices.

A massada, porém, é que outro lexico, o de SEGUIER, por exemplo, dá o verbo "mexericar" como originado de "mexer"; e dahi derivou "mexericos", como querendo dizer: "mexidos e enrêdos"...

Intriga-nos assim essa etymologia do termo *mexerica*, *mexirica* ou *mixirica*, como provindo do tal verbo portuguez.

— Ora, nem só a essa variedade de laranja é que tal "nome brasileiro" se applica, e dizemos nome brasileiro porque em Portugal não se dão ao *Citrus nobilis* outro nomes que os de *mandarina* ou *tangerina*, quando é certo que em Minas a laranja *tangerina* é bem diversa da *mexeriqueira*, como é sabido de toda gente. Uma differença essencial é que a legitima *tangerina* é diferente no aspecto, côr e tamanho, tem casca fina e bem adherente ao fructo, tanto que se usa comel-a de "chupa-chupa" para aproveitar o seo caldo adocicado e vermelho; e a laranja *mexerica* tem casca tão sumarenta, grossa e fôfa, que se desprende á mão, sem esforço.

Iamos dizendo que o nome *mexerica*, indifferentemente escripto e pronunciado *mexirica* e *mixirica*, não é dado entre nós tão sómente á "laranja-cravo".

De facto, pelo mesmo nome de *mexirica* ainda se conhece em Minas uma planta das Ericáceas (a *Leucothoe brevifoliae*), da qual no interior se colhem os ramos verdes para fazer vassouras de varrer casas.

E ainda com o nome, ora de *mixirica*, ora, e mais frequentemente, de *pixirica*, é conhecida em Minas outra planta indigena (a *Mentanga pixirica*), da familia das Melastomaceas, e cujo pequeno fructo molle, arroxeadado, se come pelos nossos campos. Existe até uma especie mais desenvolvida, ou taluda, o *Pixiricussu'* (que para os botanistas é o *Melastoma lacoarti*). O povo tambem diz — *Bixirica*.

Segundo o *Vocabulario Guarany* elaborado por BAPTISTA CAETANO (vide pag. 230 do vol. VII dos *Annaes da Bibl. Naç.*), o

substantivo *Mbechy* ou *Mbichy* designa a "pele lisa", a casca lisa, branda (que se destaca facilmente dalgum corpo). Noutros glossarios da lingua tupi-guarany, vê-se que a expressão *mbixi-ceric* pode ser traduzida por "comida mólle"; e essa expressão indigena, facilmente modificada e alterada na prosodia dos nossos caboclos, caipiras e rusticos, por meio de explicaveis metaplasmos, veio a dar o vocabulo brasileiro, na forma divergente de *bixirica* e *mixirica*. Tanto a Melastomacea do campo, conhecida por *Bixirica*, dá um fructo mólle, escoregado, quanto a Aurantiacea denominada entre nós por "laranja-mexerica" dá um fructo de casca solta e tenra, que se despéga ou se desprende facilmente. BARBOSA RODRIGUES, BEAUREPAIRE ROHAN, THEODORO SAMPAIO, CHERMONT DE MIRANDA consignam em seos Vocabularios fórmias approximadas a *mexerica* ou *mexirica*, palavra que a nosso vêr tem assim fóros de indigenismo peculiar ao Brasil.

Mas, salvante sempre a melhor opinião dos doutos, na materia. (*)

(*) Este ligeiro estudo sobre *Mexerica* ou *Mixirica* foi publicado pelo Autor em 20/2/1923, na 1.ª pag. do matutino carioca "O JORNAL".

B) O nome Bambuhy

(Suas origens, etymologia, significado e interpretações do toponymo)

Na região do nosso fertilissimo Oeste Mineiro, nas alti-planuras balizadas pelas cordilheiras da Serra da Canastra e Matta da Corda, e em plena bacia do Alto-SãoFrancisco, pelo seo affluente da margem esquerda, o rio Bambuhy, têm assento esta cidade e municipio bambuhyenses, terra de gado e lavoura, na linha ferrea da antiga Estrada de Goyaz, hoje incorporada á rêde federal da ferro-via OESTE DE MINAS.

Outr'ora, dos fins do seculo XVII aos meados do seculo XVIII, por aquelles sertões da antiga "Picada de Goiás" romperam as *bandeiras* descobridoras, partindo do rio das Mortes para Tamanduá (Itapericica, hoje), das minas de Sabará para Pitanguy, e desses pontos sahindo a margear a região intermédia em busca do Paracatú e das barrancas do Paranyhyba, para o alvo cobiçado e mais longinquo: os descobertos auriferos goyanos...

O sertão do rio BAMBOI, como então se escrevia, guardou as pégadas de bravos sertanistas, como esse genro do legendario ANHANGUE'RA, o famoso Domingos Leme do Prado, e outros paulistas, que rasgaram esse nosso FAR-WEST, abrindo caminhos, fundando fazendas, obtendo sesmarias nas paragens que se avizinham das Serras da Marcella, do Indayá, do Piumhy e do Urubú e indo além até aos chapadões do Desembóque e da Zagáia, emendando as communições entre o Oeste e o futuro Triangulo (então FARINHA PODRE), através dos valles successivos do São Francisco, do Rio Grande, do Rio das Velhas de Oeste e do Paranyhyba, etc.

Outros descobridores tomaram pé na região: Domingos Guimarães, nos sitios da NORUEGA e MEMBE'CA, e os nobres sesmeiros Rodrigues d'Orta e Maximiano Leite, aparentados e poderosos, começaram o povoamento da vasta circumscripção, que, já em 1769, re-